

A AMBIGÜIDADE DO *KLÉOS* NA *ODISSÉIA*

CHRISTIAN WERNER*

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

RESUMO: *A seguinte dúvida permeia toda a Odisséia: Odisseu, após ter conquistado glória imortal em Tróia, sobretudo graças ao êxito com o cavalo de pau, corre realmente o risco de ver sua fama apagada ou obnubilada entre as gerações futuras caso morrer de uma morte indigna, não obtendo as exéquias apropriadas? Para discutir a questão, vamos nos ater a algumas passagens, em especial, ao diálogo entre Odisseu e Aquiles no Hades e trechos dos cantos i e xxiv.*

PALAVRAS-CHAVE: Homero; Odisséia; herói; Odisseu; kléos.

Começemos pela primeira *Nekuia*, a descida de Odisseu ao Hades no canto xi. Não se trata de uma catábase típica, como as de Hércules e Teseu, mas de uma aventura marcada por dois eventos principais: 1) o anúncio do futuro de Odisseu e 2) o contato com o restante do mundo heróico, em especial, com o mundo da *Iliada*. Dentre os encontros com os heróis, examinemos aquele entre Odisseu e Aquiles.

Aquiles inicia elogiando, embora de maneira ambígua, a façanha presente de Odisseu, sua descida ao inferno (“Cruel, *σχῆτλιε*, que feito ainda maior no teu peito tramarás, *μήσεαι*”: 474), e ele a correlaciona a uma característica essencial desse herói, sua capacidade de resistência (“suportaste/ousaste”, *ἔτλης*: 475), reforçada, mais adiante, pelo próprio Odisseu (“sempre suporte males”, *ἔχω κακῶς*: 482). Odisseu, por sua vez cumprimenta seu antigo companheiro utilizando uma fórmula iliádica que destaca a excelência de Aquiles (“mais bravo dos aqueus”: xi. 478 = XVI. 21 e XIX. 216). Todavia, a seqüência do seu discurso, na qual se refere ao Peleida, é de difícil compreensão:

(...) σεῖο δ', Ἀχιλλεῦ,
οὗ τις ἀνὴρ προπόροιθε μακάρτατος οὐτ' ὄφ' ὀπίσσω.
πρὶν μὲν γὰρ σε ζῶν ἐτίομεν ἴσα θεοῖσιν

Ἄργεῖοι, νῦν αὖτε μέγα κρατέεις νεκύεσσιν 485
 ἐνθόδ' ἐών; τῶ μὴ τι θανάω ἄκαχίζεω, Ἄχιλλεῦ.
 (xi. 482-6)

(...) Aquiles, mais que tu
 nenhum varão é venturoso, nem no passado nem, por certo, no futuro.
 De fato, antes, estando vivo, honrávamos-te como os deuses,
 nós, os Argivos, e agora reinas soberano entre os mortos,
 estando aqui: assim, por teres morrido não te aflijas, Aquiles.

O texto provoca inúmeras indagações. Por que são mencionadas supostas prerrogativas de Aquiles no Hades, quando nenhum outro elemento textual permite tal inferência? Por que Odisseu, que faz de tudo para escapar da morte, louva um morto inclusive a partir de suas prerrogativas como morto? Ele procede a uma comparação irônica entre os dois heróis – e os poemas nos quais são eles os personagens principais –, indicando que seja decorrência do que é suposto na *Iliada* que aquele que morreu coberto de glória deve estar cercado de privilégios também no Hades?

Voltemos ao v. 486. As formas dos verbos ἄχομαι e ἄκαχίζω (“afligir-se”), na *Odisséia*, são empregadas sempre em referência a personagens e situações próprias da economia desse poema, em especial, para caracterizar emoções de Odisseu – sozinho ou em conjunto com seus companheiros – e de Penélope. A única exceção aparece no trecho acima. O sofrimento, mencionado por Aquiles (475) e Odisseu (482), caracterizam o rei de Ítaca, e não o herói de pés ligeiros. Odisseu, ao dizer, enfaticamente, para Aquiles não se afligir, ironicamente parece pedir-lhe para se comportar como um personagem iliádico. Aquiles, por certo, se aflige na *Iliada* (desonra por parte de Agamêmnon; morte de Pátroclo), mas a dor é temporária; as atribulações de Odisseu, na *Odisséia*, são uma marca do herói, de tal sorte que o texto nos informa que continuarão para além do final da *Odisséia*.

O Peleida, por sua vez, respondendo com palavras que aborreceram Platão (*República*, 386c), reforça a visão de valorização e manutenção da vida própria da *Odisséia*:

μὴ δὴ μοι θανάτον γε παραύδα, φαίδιμ' Ὀδυσσεῦ.
 βουλόιμην κ' ἐπόρουρος ἐὰν θητεύεμεν ἄλλω,
 ἀνδρὶ παρ' ἄκλήρῳ, ᾧ μὴ βίσιος πολὺς εἶη, 490
 ἢ πᾶσιν νεκύεσσι καταφθιμένοισιν ἀνάσσειν.
 (xi. 488-91)

Não me edulcores a morte, ilustre Odisseu.
Preferiria, sobre a terra, ser um diarista em outro lugar,
junto a um homem sem quinhão, que não tem muito para comer,
a ser rei entre todos os mortos que se foram.

Ao mesmo tempo que Aquiles repreende Odisseu, com o que ele reforça a sugestão, já presente no início do encontro, de uma oposição tradicional entre os dois heróis, ele chancela o próprio percurso heróico de Odisseu, diametralmente oposto ao seu, composto, em especial, por humilhações vividas não somente em Ítaca, mas também na viagem de retorno. Sob o ponto de vista da *Odisséia*, o Hades foi consequência da essência heróica de Aquiles tal como manifestada na *Iliada*; para que Odisseu escape do mesmo destino, ele precisa ser um herói diferente. As humilhações que, para Aquiles, seriam, na *Iliada*, insuportáveis, são, na *Odisséia*, vividas por Odisseu e valorizadas pelo *eidôlon* ("fantasma, simulacro") do Peleida tendo em vista um alvo diferente do *kleos* ("fama, glória"), qual seja, a manutenção da vida. O mais notável nas palavras de Aquiles é que elas põem em suspensão a própria poética iliádica, já que são a excelência ímpar de Aquiles e a sua disposição para morrer ao entrar novamente na luta que garantem a *Iliada* tal como ela é.¹

Essa análise é completamente equivocada para quem, comparando a passagem em questão com a economia da *Iliada*, pretender verificar, a todo custo, a exemplo de Schmiel (Schmiel, 1987), que há uma continuidade tanto da caracterização de Aquiles quanto dos pressupostos do código heróico que seria configurado no outro poema. A fim de defender tal tese, evoca-se, por exemplo, o contentamento de Aquiles com os sucessos de seu filho Neoptólemo narrados por Odisseu. Edwards (Edwards, 1985, p. 60-7), todavia, demonstrou, com todo rigor, de que forma o relato de Odisseu desvela uma posição secundária do filho de Aquiles em relação às qualidades e feitos do próprio Odisseu. Portanto, não se está indo longe demais ao afirmar que, no encontro entre Aquiles e Odisseu, a *Odisséia* usa de vários recursos, numa tentativa agônica, para colocar em proeminência o seu herói e a sua poética, sem, é claro, aniquilar Aquiles e o que ele representa.

Algumas outras passagens reforçam tal leitura ao longo da *Odisséia*, embora não sejam poucas as dificuldades que decorrem do seu exame. Em Ogígia, a ilha de Calipso, Odisseu permanece, durante sete anos, longe de tudo, no início enfeitado pela deusa e depois consumindo-se de saudades da mulher e da pátria. O que a senhora da ilha lhe oferece é a fuga dos sofrimentos no mar e em terra e, quando isso já parece pouco, a imortalidade e a juventude eterna. Entretanto, o desejo pelo *nostos* ("retorno") torna essa oferta irrelevante.

Mas o que significaria a permanência de Odisseu em Ogígia? Pucci (Pucci, 1995, p. 33-43) está certo ao afirmar que nada mudaria em relação ao *kleos* que Odisseu granjeou até então e que, além disso, sua separação de Calipso é concomitante com a demarcação que a *Odisséia* estabelece com os valores da *Iliada*?

Vejamos o que o próprio poema sugere acerca disso. No canto i, Telêmaco, ao narrar sua desgraça presente a Mentos/Atena, diz que preferiria que Odisseu tivesse morrido no campo de batalha ou entre seus familiares ao invés de permanecer desaparecido; dessa forma, ter-lhe-ia sido feito um túmulo, e também para seu filho haveria “enorme glória” (μέγα κλέος: 235-40). A dor de Telêmaco, com isso, seria menor (“não me afligiria de tal modo com ele, embora morto”, οὐ κε θανόντι περ ὧδ' ἀκαχοίμην: 236). Todavia, o que caracteriza a *Odisséia* é justamente o fato dos seus personagens principais serem marcados por contínuas aflições. Dessarte, se a dor está sendo contraposta a algo que poderia mitigá-la, no caso, o *kleos*, devemos ler com cuidado de que forma isso se dá.

Uma pergunta que se impõe é a seguinte: se Odisseu, caso tivesse morrido, não recebesse um túmulo, seu *kleos* desapareceria, como se entrevê no verso 241 (“porém agarraram-no [scil. Odisseu], sem notícias, os ventos”, νῦν δέ μιν ἀκλειῶς ὄρπιυιαι ἀνηρείψαντο)? Em primeiro lugar, a utilização de “sem *kleos*, sem notícias” (ἀκλέα) em iv. 728, onde Penélope reclama da falta de informações do paradeiro do filho, e de adjetivos formados a partir de verbos de percepção em i. 242 (“partiu sem ser visto, sem deixar informações”, οἶχετ' ἄϊστος, ὄτυστος) indica que, tanto em iv. 728 (ἀκλέα) quanto em i. 241 (ἀκλειῶς), a referência é antes à ausência de notícias que à ausência de glória.² Além disso, se considerarmos toda a fala de Telêmaco (231-51), perceberemos ser sugerido que a preocupação do jovem provocada por sua ignorância acerca da morte do pai é também decorrência de sua própria condição de adolescente que ainda não controla os bens paternos; um dos temas do canto i é justamente o status de Penélope e Telêmaco no contexto de seu *oikos* e de Ítaca. De fato, na continuação do diálogo, Atena não se refere ao *kleos* de Odisseu, mas ao de Orestes, duplo narrativo de Telêmaco; além disso, menciona-se o rumor (ἄσσοα) e a necessidade de buscar-se informações sobre o herói desaparecido.

Assim, muito cedo no poema já são correlacionados, de um lado, o *kleos*, e, de outro, o sofrimento ligado ao retorno incerto do herói. Todavia, a passagem examinada não permite que se infira, inequivocamente, que a glória de Odisseu seria para sempre perdida, ou seja, que ele seria esquecido, caso nunca chegassem notícias claras da sua morte.³

A oposição entre *kleos* e *nostos* é acentuada mais adiante quando se mencionam os cantos do bardo Fêmio. Ele decanta o “retorno dolorido” dos aqueus

(νόστον... λυγρόν: i. 326-27), o que angustia Penélope, que lhe pede para cantar cantos outros. Ora, os termos usados pela rainha (“os feitos de varões e deuses, que os aedos decantam”, ἔργ’ ἀνδρῶν τε θεῶν τε, τά τε κλείουσιν ὀϊδοί: 338) indicam que cantos são esses. É nesse contexto – as façanhas guerreiras como objeto de canto dos aedos – que ela pode finalizar sua fala mencionando o *kleos* de Odisseu que se espraia por toda a Hélade (ἀνδρός, τοῦ κλέος εὐρὺ κα’ Ἑλλάδα καὶ μέσον Ἄργος: 344), o mesmo que Odisseu diz aos feácios que já chegou até o céu (καὶ μευ κλέος οὐρανὸν ἵκει: ix. 20). Portanto, o *kleos* de Odisseu, bem firmado – graças aos seus feitos em Tróia – não parece depender de uma morte gloriosa ou de um funeral, pelo menos segundo a ótica da *Odisséia*.⁴ Estando esse *kleos* estabelecido, porém, o bardo que quiser agradar aos homens deve cantar o canto mais novo, o qual, na cronologia poética da *Odisséia*, diz respeito ao retorno dos aqueus (i. 351-55).

Permitamo-nos, agora, um salto até o canto xxiv, onde se fala do destino de três heróis, Aquiles, Agamêmnon e Odisseu. Nos vv. 30-4, Aquiles menciona a morte lamentável de Agamêmnon; ele deveria ter morrido no campo de batalha, o que implicaria, para ele, exéquias fúnebres, e, para seu filho, *kleos*. Ora, dessa formulação não se depreende que o *kleos* seja bloqueado por uma morte lamentável.⁵ Como em i. 241 e segs., o interesse principal, quando se fala da morte anômala (no caso, criminosa) do herói, é a menção do destino do filho; sublinha-se que houve uma ruptura na passagem da glória de Agamêmnon para Orestes. Não é dito que Agamêmnon não tenha conquistado *kleos* algum. O que ele não teve foi um *nostos*; pode-se inferir que seu *kleos* não tenha desaparecido. Afinal de contas, ele continua a ser objeto de canto.

Da mesma forma, na sua resposta a Aquiles (35-97), Agamêmnon por certo reitera que o Peleida, através de seu funeral, teve um fim grandioso, mas não diz que seu próprio nome será para sempre esquecido: o que ele lamenta é o seu *nostos* pela metade (91-7). Por conseguinte, parece-me que nos está sendo mostrado, da forma mais distinta possível, os destinos diversos de três grandes aqueus, Aquiles, Agamêmnon e Odisseu, tendo em vista o último. Assim, a distinção principal não é entre Aquiles e Agamêmnon, mas entre o segundo e Odisseu, entre um *nostos* bem sucedido e outro fracassado. O que realmente vale na *Odisséia* não é o *kleos*, mas o *nostos*.

Desse modo, o fim da conversa entre os dois grandes aqueus no Hades só poderia ser o *nostos* de Odisseu (xxiv. 191-202), numa passagem na qual o foco de Agamêmnon, entretanto, é o *kleos* de Penélope e a má-fama de Clitemnestra:

ὄλβιε Λαέρται πάϊ, πολυμήχαν’ Ὀδυσσεῦ,
ἦ ἄρα σὺν μεγάλῃ ἄρετῇ ἐκτήσω ἄκοιτιν·

ὡς ἀγαθαὶ φρένες ἦσαν ἀμύμονι Πηνελοπείη,
 κόρη Ἰκαρίου· ὡς εὖ μέμνητ' Ὀδυσῆος, 195
 ἀνδρὸς κουριδίου. τῶ οἱ κλέος οὐ ποτ' ὀλεῖται
 ἦς ἀρετῆς, τεύξουσι δ' ἐπιχθονίοισιν ἀοιδὴν
 ἀθάνατοι χάριεσσιν ἐχέφρονι Πηνελοπείη,
 οὐχ ὡς Τυνδαρέου κόρη κακὰ μήσατο ἔργα,
 κουρίδιου κτείνασα πόσιν, στυγερὴ δέ τ' ἀοιδή
 ἔσσειε' ἐπ' ἀθρώπους, χαλεπὴν δέ τε φῆμιν ὀπάσσει 200
 θηλυτέρησι γυναιξί, καὶ κ' εὐεργὸς ἔησιν.
 (xxiv. 192-202)

Venturoso filho de Laertes, Odisseu de muitos engenhos,
 realmente, com grande excelência, conquistaste uma esposa:
 quão excelso espírito tinha a irreprochável Penélope,
 filha de Icário; quão bem lembrou-se de Odisseu, 195
 o esposo legítimo. Por isso nunca perecerá a fama
 da sua excelência, e entre os mortais farão os imortais
 um canto gracioso acerca da fiel Penélope,
 não como a filha de Tindareu que se ocupou de vis ações,
 matando o legítimo marido, e um canto odioso 200
 haverá entre os homens, conferindo uma reputação ruim
 às mulheres, mesmo àquela que for virtuosa.

A passagem inicia com a menção de uma “excelência” (ἀρετῆ) cujo possuidor não é inequivocamente indicado (193): ela é de Penélope ou de Odisseu?⁶ Em que pesem as ambigüidades sintáticas, porém, o foco da passagem é claramente uma comparação entre Penélope e Clitemnestra. O núcleo dessa fala não é composto pelo *kleos* de Agamêmnon e Odisseu,⁷ mas pelas conseqüências das ações das esposas.⁸ Mais do que garantir o *kleos* de Odisseu, ela conquista o seu próprio e assegura o retorno bem-sucedido do marido.

Portanto, pode-se afirmar que o *kleos* dos heróis conquistado em Tróia não é facilmente apagado. Deveríamos examinar, em seguida, de que modo a *Odisséia* o valora. Grosso modo, esse *kleos*, cujo fundamento são ações pretéritas, é mencionado sobretudo nos cantos viii-xii – e a avaliação de tal fama/relato não é inequivocamente positiva.

Quando Demódoco, por exemplo, no canto viii, evoca o estratagema do cavalo de pau, a resposta emocional de Odisseu é o choro, e o símile usado para descrevê-lo é inusitado (viii. 521-32: a cativa chorando seu destino). À medida

que o texto indica que Odisseu também se apieda das vítimas da conquista, de modo algum podemos afirmar que ele sente um orgulho desmedido pela sua façanha; ele está longe daquele Aquiles que gostaria, num primeiro momento, de ter tomado a cidade sozinho e, num segundo, de ter dizimado toda a população troiana após a morte de Pátroclo.

No início do canto seguinte, Odisseu menciona seu enorme *kleos* na base do qual estão seus *doloi* (ix. 19-20). Desse modo, não deve surpreender que, nas aventuras que ele passa a narrar, toda tentativa de fazer uso de qualidades marciais que estão mais em casa na *Iliada* fracassa. Em especial, o encontro de Odisseu com Cila – particularmente patético – e o episódio com os ciclopes revelam que o heroísmo próprio da *Iliada* é inútil neste mundo, fato que Odisseu só aprende com o tempo.

Finalmente, restaria verificar se a *Odisséia* apresenta a vingança de Odisseu contra os pretendentes como uma ação que confere *kleos*. Odisseu utiliza costumemente o *dolos*.⁹ Quando ele faz uso da força, o texto não se furta a assemelhá-lo a Aquiles; as diferenças, entretanto, não são marginais (Pucci, 1995, p. 127-42). Como P. Pucci bem mostrou, o massacre é um mal necessário, carente do sabor que têm os cadáveres troianos para Aquiles após a morte de Pátroclo. Dessa forma, não deve surpreender que nenhuma passagem afirme categoricamente que a vingança confere *kleos* a Odisseu.¹⁰ Aliás, dois trechos dão indicações do contrário, embora sejam ambos ambíguos. O primeiro (xxiv. 191-202) já foi examinado acima. O segundo é xxiii. 137-78: Odisseu está com receio que a “notícia de longo alcance” (κλέος εὐρύ: 137) da morte dos pretendentes possa se espriar e chegar às famílias. Mesmo que o sentido de *kleos* seja claramente o de “rumor, relato”, Odisseu se comporta de modo radicalmente oposto ao herói da *Iliada*, que ele mesmo foi no episódio de Polifemo, ávido, de forma intempestiva, pela disseminação do seu feito glorioso.

NOTAS

- * Professor Doutor de Língua e Literatura Grega do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do DLCV-FFLCH-USP
- 1 A argumentação de Edwards (Edwards, 1985, p. 52) leva-o à conclusão semelhante: “(...) Achilles' words constitute a retrospective comment upon the *Iliad's* own hero. The *Odyssey* exploits this facet of the Iliadic Achilles to assert the superiority of *nostos* and survival to the *Iliad's* values of the hero's death and *kleos*”. Cf. igualmente Nagy (1979: 35): “it is as if he [Aquiles] were now ready to trade an *Iliad* for an *Odyssey*.” Já para Pucci (Pucci, 1997, p. 169-71), o texto é mais opaco: “Whether or not Achilles

- asserts the idea that the real compensation for heroic death is provided by the epic *kleos*, spreading among all men and gods, remains undecidable" (p. 171).
- 2 Cf. West (West, 1988, *ad i.* 241), que traduz *akleiōs* por "without report, so that there is no news of him". Da mesma forma Olson (Olson, 1995, p. 3): "To be snatched *akleiōs* ('without *kleos*') is thus to disappear utterly from common knowledge and report." Na n. 3, na mesma página, referindo-se a iv. 727-28, diz que "Penelope's insistence that Telemachos has vanished *aklea* ('without *kleos*') means not that he has lost his poetic glory or his great personal reputation, neither of which he ever enjoyed, but simply that she did not hear of his departure." Já Segal (Segal, 1994, p. 104-5) lê os termos formados a partir de *kleos* em i. 241 e iv. 728 como ambivalentes, referindo-se tanto a "relato, notícia" quanto à "fama, glória"; do mesmo modo, Jones (Jones, 1991, *ad i.* 241). Edwards (Edwards, 1985, p. 84, n. 31) traduz o *akleiōs* do verso 241 por "without tidings"; todavia, afirma que está implícito que Odisseu teria perdido sua fama com uma morte tal qual imaginada por Telêmaco.
 - 3 A opinião contrária, canônica, pode ser lida, por exemplo, em Edwards (Edwards, 1985, p. 74), que, tomando como ponto de partida as teses de Vernant sobre a "belle mort" e a figuração do *kleos* na *Ilíada*, afirma que "in Telemachus' view the manner of a man's death is decisive for his *kleos*. It is preserved through a peaceful or heroic death, but destroyed by one which is mean or obscure."
 - 4 Isto também parece ser sugerido por Pucci (Pucci, 1995, p. 199, n. 22), que diz que "to this extent Penelope's reaction is unconsciously correct and also politically shrewd. Whatever may have happened to Odysseus, her psychological – and political – interests require that his memory be enhanced as glorious, his stature as godlike."
 - 5 Opinião contrária é defendida por Nagy (Nagy, 1979, p. 36), para quem "Achilles himself concedes that Agamemnon too has left behind a *kleos* for the future (xxiv. 33)"; de modo semelhante, Edwards (Edwards, 1985, p. 82): "versus thirty and thirty-four describe opposing modes of death: the one preserves and enhances *kleos*, the other destroys it."
 - 6 Para Heubeck (Heubeck, 1992, *ad loc*), ela é de Penélope; para Edwards (Edwards, 1985, p. 88), de Odisseu. Da mesma forma, o *kleos* mencionado no v. 196 pode ser de ambos. Para Nagy (1979: 37), a *aretê* e o *kleos* são de Odisseu.
 - 7 Edwards (1985: p. 88, n. 36) enfatiza que o *kleos* mencionado no v. 196 poderia, gramaticalmente, ser de Odisseu; o que subjaz à sua interpretação é o desejo de mostrar que é Odisseu que não perdeu seu *kleos*, quando, de fato, o texto destaca o fato de Penélope não ter destruído, por um comportamento repreensível, seu próprio *kleos*.
 - 8 Cf. Pucci (Pucci, 1995, p. 217): "The text attributes *kleos*, 'glory', 'reputation', to Penelope and only through its ambivalent syntax also to Odysseus; but the grounds for his *kleos* remains Penelope's good and honest behavior."
 - 9 Cf. Pucci (Pucci, 1995, p. 216-17): "the only *kleos* of Odysseus the *Odyssey* celebrates unequivocally is the one that is traditionally associated with his name and that has become part of his royal portrait, the *kleos* of his *mētis* and *doloi*, through which he contributed to the capture and destruction of Troy."
 - 10 Para Nagy (Nagy, 1979, p. 38), por um lado, "the Revenge of Odysseus is treated throughout the *Odyssey* as a genuinely heroic theme, worthy of *kleos*." Para Pucci (Pucci,

1995, p. 217) ao contrário, "(...) the *Odyssey* is almost explicit in denying *kleos* – that is, the specifically epic fame and renown – to Odysseus' return and revenge."

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EDWARDS, A. T. *Achilles in the Odyssey*. Königstein, 1985
- HEUBECK, A. *A Commentary on Homer's Odyssey*. Vol. 3: Livros XXIII-XXIV. Oxford, 1992.
- JONES, P. *Homer: The Odyssey 1 & 2*. Warminster, 1991.
- NAGY, G. *The Best of the Achaeans. Concepts of the Hero in Archaic Greek Poetry*. Baltimore / London, 1979.
- OLSON, D. *Blood and Iron: Stories and Storytelling in Homer's Odyssey*. Leiden / New York / Köln, 1995.
- PUCCI, P. *Odysseus Polutropos: Intertextual Readings in the Odyssey and the Iliad*. Ithaca / London, 1995.
- _____. *The Song of the Sirens: Essays on Homer*. New York, 1997.
- SCHMIEL, R. "Achilles in Hades". *Classical Philology*. Baltimore, v. 82, p. 35-7, 1987.
- SEGAL, C. *Singers, Heroes and Gods in the Odyssey*. Ithaca / London, 1994.
- WEST, S. *A Commentary on Homer's Odyssey*. Vol. 1: Livros I-IV. Oxford, 1988.

INFORME

Parte desse trabalho, baseado num trecho da minha pesquisa de doutorado em andamento, foi desenvolvido com financiamento da FAPESP. Uma primeira versão foi apresentada no XVII Simposio Nacional de Estudos Clásicos, realizado em Bahia Blanca, Argentina, em 2002.

WERNER, Christian. *The ambiguity of kleos in the Odyssey*.

ABSTRACT: *The following question runs through the whole Odyssey: after he won immortal glory in Troy, above all in virtue of the successful wooded horse, would Odysseus have really risked to loose his immortal fame if he had died in an unworthy way, not obtaining a proper burial? In*

order to discuss this problem we examine some passages, especially the dialogue between Achilles and Odysseus in the Hades and some verses in books i and xxiv.

KEY WORDS: *Homer; Odyssey; hero; Odysseus; kleos.*